

As mulheres são um problema



A voz feminina, tal como o ser maravilhoso que a emite, é complexa, caprichosa, e extremamente versátil, podendo emitir sons com tal amplitude em frequências tão elevadas que «derretem» positivamente os microfones, podendo mesmo partir copos sem lhes tocar — afinal, não partem só pratos quando estão zangadas...

A mulher — que numa visão medievalista — não passava de «um ser com cabelos compridos e ideias curtas» — provou, ao longo de dolorosos séculos, ser tão ou mais inteligente do que o homem, dispondo ainda de uma maior capacidade para se adaptar a situações adversas, e dá agora — quase no limiar do século XXI — «água pela barba» aos homens, no que toca ao registo fiel dos seus encantos vocais, depois de ter apaixonado, enlouquecido e exasperado pintores e poetas na busca da vã glória de retratarem a complexidade indefinível do seu todo. Belas, mas difíceis, as mulheres — não?!...

O compacto do mês

Se perguntar a um qualquer melómano-audiófilo — dispondo de uma boa colecção de discos compactos de música clássica — quais são, em termos discográficos, os dois grandes campeões, no tocante à interpretação do repertório barroco em instrumentos da época, a resposta será invari-

avelmente: Christopher Hogwood e Trevor Pinnock.

Se perguntar qual é o compositor deste período que mais facilmente agrada, independentemente de se gostar ou não de música clássica, a resposta será, em princípio: Händel.

Se perguntar qual é a mais bela voz de soprano puro da actualidade (não operática), a resposta será, salvo melhor opinião — embora o número dos que lhe sabem responder se reduza drasticamente — Emma Kirkby.

Junte os três, e terá um dos mais belos discos compactos com registo de voz feminina e orquestra de câmara de que dispõe no mercado português:

HÄNDEL: *Italian Cantatas*
Emma Kirkby/AAM, Hogwood
L'Oiseau Lyre — 414 473-2

A musicalidade, a expressividade, a quase total ausência de vibrato e esforço na voz de Emma Kirkby foi captada com mestria pelo grande John Dunkerley — sempre ele — envolta num halo de reverberação quanto baste, mas límpida e perfeitamente articulada. Apenas a espaços, numa ou outra passagem, uma nota de maior amplitude faz «estremecer» os microfones e leva o sistema de registo ao tecto da sua reserva dinâmica. Não aconselhável para maus sistemas dispondo de maus giracompactos, pois.

Hogwood acompanha Kirkby com a habitual competência, precisão e brilhantismo, dirigindo do cravo uma orquestra «afinadinha», que brilha a grande altura (John Dunkerley também) na faixa de abertura, curiosamente a única em que Emma não intervém, provando como é difícil estabelecer um equilíbrio perfeito entre orquestra e solista num registo sonoro. Por vezes, tenho a desagradável sensação que Emma está demasiado perto do microfone; outras, e isto é grave, que Emma não está a cantar no mesmo local ou ao mesmo tempo que a orquestra, dada a diferença no envelope de reverberação. Mas pode ser apenas uma questão de diferente posicionamento dos microfones. Belo, muito belo, *quand même*. Afinal os anjos são do sexo feminino...

■ JVH